

Diversos olhares sobre o fazer da exposição de longa duração *Vida e saúde: relações (in)visíveis*

Tereza Amorim Costa,* Ana Dias Alencar,** Alessandro Machado Franco Batista,**
Rogerio Luiz Cherem Fernandes,**** Marlon Azevedo Varela,**** Rita de Cássia da
Costa Alcântara,***** Teresa Elisa Clemente dos Santos,***** Tiago Galhardo de
Sousa,***** Fabio Castro Gouveia,***** Vanessa Fernandes Guimarães***** e
Diego Vaz Bevilaqua*****

Recebido em: 21/09/2022

Aprovado em: 24/02/2023

Resumo

Exposições são consideradas uma das principais formas de comunicação entre os museus e seus públicos, refletindo conceitos e valores inerentes a cada instituição. Este trabalho descreve e analisa o processo de concepção, planejamento e execução da exposição de longa duração *Vida e saúde: relações (in)visíveis*, inaugurada pelo Museu da Vida Fiocruz em 2022, sob o olhar das diversas equipes responsáveis pelo projeto, revelando pontos de vista específicos de cada área. A narrativa temática da exposição busca evidenciar os principais nexos relacionais entre as dimensões da saúde, desde a perspectiva microscópica até a ambiental global, corroborada pela narrativa histórica. Como toda exposição de longa duração, ajustes serão necessários ao longo do tempo, quer seja na busca por melhor atingir os objetivos iniciais da exposição, quer seja pela necessidade de constante atualização dos conteúdos.

Palavras-chave

Exposições; Saúde; Expografia; Divulgação científica; Educação museal.

* Mestre em Ecologia e Recursos Naturais pela UFSCar, bióloga e educadora do Museu da Vida Fiocruz. <https://orcid.com/0000-0002-2304-7528>.

** Mestre em Design pela ESDI/UERJ. Designer do Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica do Museu da Vida Fiocruz. <https://orcid.com/0000-0003-2612-8961>.

*** Mestre em Educação, Ciência e Sociedade (UFF), historiador e educador do Museu da Vida Fiocruz. Coordena projetos e parcerias do museu junto a populações de favelas e periferias. <https://orcid.org/0000-0002-9327-0282>.

**** Bacharel em Desenho Industrial – Projeto de Produto pela UFRJ. Designer de Exposições e Produtos de Divulgação Científica do Museu da Vida Fiocruz. <https://orcid.com/0000-0001-5529-4817>.

***** Bacharel em Desenho Industrial – Projeto de Produto pela UFRJ. Designer de produto em Museu da Vida Fiocruz. <https://orcid.com/0009-0008-6372-5996>.

***** Mestre e doutoranda em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI/Uerj). Coordenadora do Serviço de Design de Exposições e Produtos de Divulgação Científica do Museu da Vida Fiocruz (2011-2021). Coordenadora do Núcleo de Mídias e Diálogo com o Público da mesma instituição. <https://orcid.com/0000-0002-4029-6673>.

***** Mestre em Biodiversidade e Biologia Evolutiva pela UFRJ, jornalista e bióloga do Núcleo de Mídias e Diálogo com o Público (Numid), Museu da Vida Fiocruz. <https://orcid.com/0009-0001-4873-8149>.

***** Pós-graduado em Gestão Financeira pela Fundação Getúlio Vargas. Analista financeiro de projetos na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

***** Doutor em Ciências pela UFRJ e Tecnologista em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. ORCID: 0000-0002-0082-2392. <https://orcid.com/0000-0002-0082-2392>.

***** Doutora em Ciências pela UFRJ e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus do Museu da Vida. Atualmente coordena o mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. <https://orcid.com/0000-0002-6302-3133>.

***** Doutor em Física pela UFRJ e vice-diretor de Patrimônio Cultural e Divulgação Científica da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. <https://orcid.com/0000-0003-4822-4874>.

Abstract

Exhibitions are considered one of the main forms of communication between museums and their audiences, reflecting concepts and values inherent to each institution. This paper describes and analyzes the process of conception, planning and execution of the long-term exhibition *Life and Health: (in)visible relations*, opened at the Museu da Vida Fiocruz in 2022, under the eyes of the various teams of the project, revealing specific points of view of each area. The thematic narrative of the exhibition seeks to highlight the links between the dimensions of health, from the microscopic perspective to the global environmental perspective, corroborated by the historical narrative. Like all long-term exhibitions, adjustments will be needed over time, whether in the search for better achieving the initial objectives of the exhibition, or by the need for constant updating of the contents.

Keywords

Exhibitions; Health; Museum techniques; Science communication; Museum education.

“Saúde é democracia”

Essa expressão, cunhada pelo sanitarista Sérgio Arouca em seu discurso durante a abertura da 8ª Conferência Nacional de Saúde¹ (CNS), em 1986, contém uma premissa ainda arrojada para os tempos atuais: o direito à saúde perpassa vários outros direitos, entre eles o direito à informação para compreender o mundo e agir sobre a própria realidade, transformando-a. Muitos dos obstáculos discutidos na 8ª CNS não foram superados e persistem atualmente. Não obstante, as primeiras décadas do século XXI trouxeram consigo novos desafios para a saúde, como os impactos das atividades humanas sobre o ambiente, uma pandemia de proporções inesperadas, movimentos negacionistas contrários a vacinas e outras práticas de saúde e a disseminação intencional e maliciosa de informações falsas, as chamadas *fake news*.

É neste cenário que a exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis* é inaugurada, em maio de 2022, marcando a retomada da rotina de atendimento de público presencial do Museu da Vida Fiocruz (MVF) após o período de isolamento imposto pela pandemia de covid-19. Dezenas de pessoas a visitam diariamente sem imaginar que percorrem apenas a versão final, definitiva, dentre as várias versões concebidas para cada módulo.

Este texto pretende apresentar um relato de experiências diversas sobre a história desta exposição, analisando os avanços, retrocessos e transformações que balizaram o projeto até seu formato no dia da inauguração. A partir de então, a exposição continua

¹ BRASIL. Ministério da Saúde. Brasil. Relatório final da VIII Conferência Nacional de Saúde. Plano Nacional de Desenvolvimento da Nova República (I PND-NR). 1986. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf_nac_anais.pdf. Acesso em: 15 Set. 2022.

sendo transformada por meio dos aportes da equipe de mediação e adquire novos sentidos, construídos pelo público durante a visita.

A exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis* constitui-se na primeira grande entrega do Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), que abrange também outros edifícios centenários da instituição. O Plano de Requalificação prevê a ampliação do circuito de visitação do MVF. *Vida e saúde: relações (in)visíveis* também é a primeira exposição a divulgar a marca Museu da Vida Fiocruz, adotada a partir de maio de 2022.

Um prédio de muitos usos

O desenvolvimento conceitual da exposição foi marcado pela complexidade, não somente do tema em si, mas também do espaço que a abriga: uma cavalaria histórica, construída entre 1904 e 1905 com o intuito de hospedar cavalos usados para a produção de soros terapêuticos no então chamado Instituto Sorológico Federal, instituição que, mais tarde, daria origem à Fundação Oswaldo Cruz.² Desse uso, a atual exposição herda sua estrutura dividida em módulos delimitados pelas baias que separavam os animais há mais de um século. Herda também os desafios e as potencialidades de ocupar uma edificação tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1980, assumindo o compromisso de ressaltar e valorizar aspectos arquitetônicos de grande beleza. A história da edificação e sua importância para a ciência e saúde pública brasileiras trouxeram uma linha narrativa própria que se incorporou ao enredo geral da exposição.

Uma vez dispensado de sua finalidade original, o prédio adquiriu outros usos, inclusive o de salão de exposições. Nele foram instalados o Museu Didático Marquês de Barbacena, estabelecido na década de 1970, o Museu da Casa de Oswaldo Cruz, inaugurado em 1987, e a exposição *Biodescoberta* – em cartaz entre 1999 e 2013 –, que fazia parte do circuito de visitação do então já criado Museu da Vida.³

O fechamento da *Biodescoberta*, motivado pela necessidade de reparos na infraestrutura do prédio, trouxe impacto ao MVF. A perda de um de seus principais espaços de visitação levou à necessidade de readequação da rotina e das equipes de

² PINHEIRO, M. J. A. et al. “Arquitetura e espaços museológicos: experiências a partir do Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro”. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 57, nº 13, p. 69-107, 2019.

³ BEVILAQUA, D. V. et al. (org). *Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz: Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

visitação, e as peças do acervo expográfico passíveis de reaproveitamento foram deslocadas para outros espaços.

O Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos

A Fundação Oswaldo Cruz, ao longo de seus mais de cem anos de existência, constituiu importantes acervos científicos e culturais. Dentre esses acervos, seu conjunto arquitetônico é singular, tanto por suas características arquitetônicas, como pelo seu valor para a história das ciências e da saúde. Dele destaca-se o Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), que é composto pelas edificações construídas originalmente para abrigar as primeiras instalações da instituição: o Pavilhão Mourisco, a Cavalaria, o Pavilhão do Relógio (ou Pavilhão da Peste), o Pombal, a Casa de Chá, o Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos (ou Quinino), o Hospital Evandro Chagas e o Pavilhão Vacínico (atual Casa Amarela).

O Plano de Requalificação do NAHM, em desenvolvimento participativo pela Fiocruz desde 2011, prevê novos usos e intervenções nas áreas urbanas e edifícios históricos do *campus* de Manguinhos da Fiocruz que preservem sua singularidade e identidade, valorizando o patrimônio cultural, ampliando as áreas de exposição do MVF, aumentando a articulação do *campus* com o território em que está inserido e amplificando o diálogo da instituição com a sociedade.⁴ O plano desdobra-se em um conjunto de projetos expositivos, arquitetônicos e urbanísticos, dentre os quais a requalificação da edificação da Cavalaria é um deles. Além disso, conta com diferentes programas para abranger diferentes dimensões de seu desenvolvimento: Programa de Cooperação; Programa de Captação de Recursos; Programa de Comunicação; Programa de Sustentabilidade; e, por fim, Programa de Acolhimento (ainda em desenvolvimento).

A exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis* é fruto do projeto expositivo da requalificação do prédio da Cavalaria. A exposição e o restauro da edificação contou com o apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e de outras empresas privadas através da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Seu projeto de restauro foi executado em duas etapas, tendo iniciado em 2013 e encerrado em 2021, antecedendo a instalação da exposição.

⁴ BEVILAQUA, D. V.; PINHEIRO, M. J. de A. “Scientific exhibition for historical buildings: how traditional Fiocruz collections serve contemporary science communication”. In: CIMUSET 47th ANNUAL CONFERENCE, 47., 2019, Kyoto. *Traditions for a sustainable future*. Paris: ICOM-CIMUSET, 2020, p. 7-19.

Diretrizes que norteiam as práticas do Museu da Vida Fiocruz

Desde 1999, o MVF é o museu de ciências da Fiocruz e representa um dos poucos aparelhos culturais gratuitos no território de Manguinhos, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Somando ações presenciais, extramuros e virtuais, o MVF atinge centenas de milhares de pessoas anualmente com atividades de divulgação científica, cultural e de saúde e pesquisa em todo território nacional.

Em consonância com os princípios assumidos pelo MVF desde sua inauguração, a nova exposição deveria ir ao encontro das demandas sociais por democratização do conhecimento, conferir amplo acesso a espaços culturais, promover práticas comprometidas com educação inclusiva e emancipatória e apoiar esforços em prol da saúde plena. Em relação ao trabalho educativo, destacam-se como diretrizes o enfoque histórico, a ludicidade, a criticidade, a multidisciplinaridade e a interatividade.

Além dessas diretrizes já praticadas em exposições anteriores, a nova exposição deveria incorporar ainda pelo menos quatro outras, a fim de acolher necessidades e desafios mais recentes.

A primeira está relacionada à própria área de atuação da Fiocruz e se refere à Comunicação em Saúde e considera o fato de

personas não serem apenas destinatários de uma comunicação, mas interlocutores, serem levadas em conta como quem tem o que dizer e quer ser escutado e considerado. Isto implica, de um lado, no acesso a meios, canais e espaços de fala e, de outro, na existência de canais e espaços de escuta.⁵

Em outras palavras, era imperativo superar o modelo da comunicação pelo déficit de informação,⁶ no qual os conhecimentos e opiniões do público são desconsiderados.

A segunda, frequentemente encontrada em museus de todas as tipologias, se refere à busca pela acessibilidade universal, que passa

também pela dimensão arquitetônica, mas não somente (...) as preocupações recentes residem na dimensão da inclusão, no campo dos direitos das pessoas com

⁵ ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. *Comunicação e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. Livro eletrônico.

⁶ BROSSARD, D.; LEWENSTEIN, B. V. "A Critical Appraisal of Models of Public Understanding of Science: Using Practice to Inform Theory". In: KAHLOR, L. A.; STOUT, P. (org.). *Communicating Science: New Agendas in Communication*. New York: Routledge, 2010, p. 11-39.

deficiência, na criação de produtos e exposições acessíveis e na perspectiva da formação de pessoal qualificado para o acolhimento de todos os públicos.⁷

A terceira diz respeito à necessidade de atualização dos conceitos ao longo do tempo de existência da exposição, trabalho em grande parte possibilitado pela estrutura dos módulos expositivos, pelos recursos digitais e pelas parcerias estabelecidas com outras unidades da Fiocruz. Tais parcerias fazem parte da quarta diretriz, que busca divulgar as pesquisas e o trabalho da Fiocruz, aproximando o fazer científico do público visitante do MVF.

Por fim, havia ainda o desejo de promover a participação do público em níveis mais elevados do que apenas o consumo de conteúdos, segundo a escala de cinco níveis proposta por Nina Simon.⁸ Nessa escala são propostos níveis que vão da mera recepção de conteúdos até a interação social coletiva com o conteúdo de um museu. Embora a possibilidade de tal participação exista em alguns módulos, consideramos que os resultados são ainda tímidos perante o potencial a ser explorado. Por outro lado, a perspectiva de atualizações periódicas da exposição permite que tal participação ocorra futuramente.

Para conjugar tantos anseios, era necessário conceber uma nova exposição multidisciplinar, tarefa iniciada por um grupo de trabalho numeroso, formado por profissionais de diversos setores do MVF e do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DPH/COC). Mais tarde, outros profissionais seriam convidados a integrá-lo, por períodos mais ou menos delimitados. Ao longo dos quase oito anos do projeto – permeados por intervalos e hiatos – o grupo de trabalho passou por grandes transformações em estrutura, composição e escopo de atuação, e sua história é por demais rica e complexa para ser detalhada neste texto. Assim, nos limitamos a oferecer uma síntese dos principais eventos relacionados ao desenvolvimento da exposição em si.

⁷ REIS, B.; GOMES, H.; SOARES, O. (org.). *Educação museal e acessibilidade*. Rio de Janeiro: Fiocruz-COC, 2021. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/ebook/educacao-museal-e-acessibilidade.pdf>. Acesso em: 27 Fev. 2023.

⁸ SIMON, N. *The Participatory Museum*. Santa Cruz: Museum 2.0, 2010. Disponível em: <https://www.participatorymuseum.org/>.

Concepção do projeto

O conceito inicial da exposição se baseou na teoria sistêmica que interpreta a realidade não de forma disciplinar, mas como “totalidades constituídas no interior da organização dos fenômenos”.⁹ Há uma organização hierarquizada, e a realidade é formada por níveis superpostos. Nessa hierarquia, o social e o político constituem o ápice da organização. E a concepção de interações sistêmicas, de sistemas interligados ou do mundo como sistema de sistemas remete à ideia de ecossistema: cada um com sua totalidade (indivíduo, família, sociedade, cidade etc.) interagindo, numa rede dinâmica de interdependências, interações e influências mútuas.¹⁰

O paradigma sistêmico traz três dimensões epistemológicas que o diferenciam das teorias tradicionais: a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. A complexidade remete às condições lógicas e empíricas de observação, na medida em que os temas de estudo são tratados como objetos em contexto. Contextualizar é ver o objeto existindo dentro de um sistema, focando suas interligações, conexões e redes de comunicação. A instabilidade, ao contrário da visão mecanicista do universo estável e previsível, nos remete ao jogo dinâmico de interações complexas e seus resultados imprevisíveis e incontroláveis. Finalmente, a intersubjetividade, que afirma a interdependência entre o sujeito e o objeto do conhecimento, os quais só existem a partir da relação e interação que estabelecem entre si. Ambos em suas interações se influenciam e promovem mudanças em si, no ambiente e no próprio sistema.

A exposição *Vida e saúde: Relações (in)visíveis* buscou trazer essa cadeia de relações complexas e hierarquizadas que envolvem o conceito de saúde. Desmistificando a concepção simplista de que saúde significa a ausência de doença e introduzindo o conceito de equilíbrio, a exposição permite ao visitante experimentar a ideia de que a saúde emerge de interações em vários níveis de complexidade: individual, social e ambiental.

Em projetos expositivos mais recentes, tem surgido a proposição do modelo de engajamento público no processo de concepção.¹¹ Contudo um tema tão amplo quanto “saúde” requer recortes delimitados. E, mais ainda, abordagens criativas e atuais para

⁹ BERTALANFFY, L. *Teoria geral dos sistemas*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 125.

¹⁰ MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

¹¹ SELANO, Alyne Mendes Fabro; SANCHO, Benilson Mario Iecker. “Do patrimônio musealizado à produção de exposições por estudantes de escolas públicas”. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 51, p. 136-148, 2019.

superar e transcender os tópicos comumente abordados pela mídia e pela educação formal. Segundo Marília Xavier Cury, “as exposições são concebidas por equipes para serem compreendidas e provocarem uma atitude ativa no visitante”.¹² Amparada por um time de dezessete consultores científicos, a equipe dedicou-se ao estudo de conceitos e temas da atualidade, acolhendo também as incertezas e inseguranças decorrentes desse processo. Seria a saúde “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”, como definido pela Organização Mundial de Saúde em 1948? O que é saúde, afinal? Reconhecendo que (1) o papel de um museu ou centro de ciências é o de suscitar debates embasados em informações confiáveis – e não de fornecer verdades pétreas e indiscutíveis – e que (2) o público certamente já traz consigo vivências e opiniões próprias sobre o tema, decidiu-se por fazer desta a questão geradora do módulo inicial, localizando-a defronte à porta de entrada.

Aproveitando as características simétricas da planta do prédio (figura 1), os conceitos restantes foram divididos em dois grupos, distribuídos à esquerda e à direita da porta principal, utilizada para a entrada e a saída da exposição.

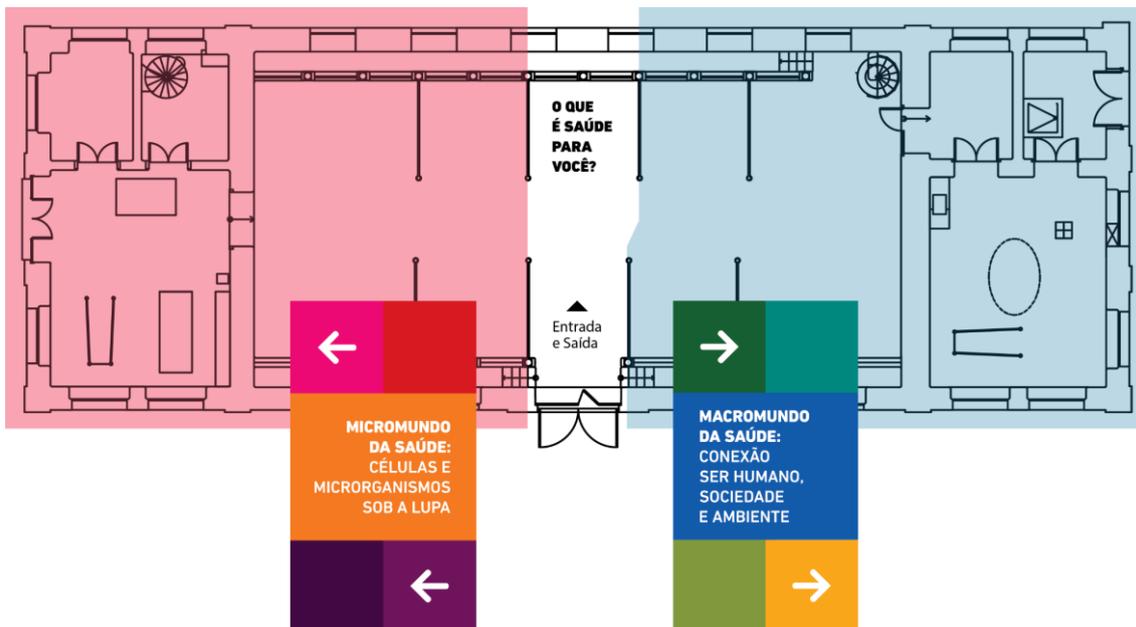


Figura 1. Representação esquemática da planta do prédio, indicando a porta de entrada e saída dos visitantes e a divisão dos dois grupos de conceitos. Crédito: Ana Dias.

¹² CURY, M. X. *Exposições: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

O primeiro grupo, situado à esquerda da porta principal, reúne aspectos da saúde que atuam em escalas microscópicas, com destaque para o imprescindível (e, por vezes, subestimado) papel dos micro-organismos para a saúde humana e do ambiente. Essa escolha decorreu de uma pesquisa prévia realizada com os visitantes do MVF em 2014, na qual ficou evidente a representação negativa dos visitantes sobre micro-organismos como “sujos e causadores de doenças”. Além disso, os micro-organismos são elementos de conexão importante entre as dimensões do macro e do micromundo da saúde, bem como remetem à narrativa sobre a história e o uso do prédio.

O segundo grupo, situado à direita da porta principal, abrange aspectos de saúde que atuam em dimensões sociais, maiores que o indivíduo. É o caso dos determinantes sociais e ambientais da saúde (DSAS), que associam diversos agravos em saúde às condições sociais nas quais as pessoas vivem, trabalham e envelhecem;¹³ e do papel protetor das altas coberturas vacinais, tema de extrema relevância social para um país que não tem atingido as metas mínimas de vacinação para nenhum imunizante infantil do Programa Nacional de Imunização.¹⁴

A entrada do público pela parte central da exposição ajuda a desconstruir interpretações estruturalistas entre os dois grupos de conceitos. Entende-se que nem os fenômenos microscópicos são simplificações dos fenômenos de maior escala, nem as questões sociais são determinadas pelas suas relações em microescala. Cabe ao visitante escolher seu percurso de visita e tecer suas próprias relações. A entrada do público pela parte central também permite que o acesso principal seja feito pela praça Pasteur, praça do NAHM que integra os edifícios históricos mais antigos.

Em consonância com o conceito de *saúde única* (do inglês, *One Health*),¹⁵ ainda era preciso salientar a complementaridade e interdependência entre as dimensões micro e macroscópicas, revelando as relações invisíveis que, como fios, tecem a rede de conceitos de que trata a exposição. Pelas mãos de cada visitante, essa rede materializa-se de

¹³ ALKERMANN, M.; MAYMONE, C. C.; GONÇALVES, C. B.; CHIORO, A.; BUSS, P. M. “As novas agendas de saúde a partir de seus determinantes sociais”. In: *Determinantes ambientais e sociais da saúde*. GALVÃO, Luiz Augusto C.; FINKELMAN, Jacobo; HENAO, Samuel (org.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; OPAS, 2011.

¹⁴ ZORZETTO, R. “O tombo na vacinação infantil”. *Revista Pesquisa Fapesp*, ed. 313, Mar. 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-tombo-na-vacinacao-infantil/>. Acesso em: 15 Set. 2022.

¹⁵ ONE HEALTH HIGH-LEVEL EXPERT PANEL (OHHLEP) et al. “One Health: A new definition for a sustainable and healthy future”. *PLoS Pathog*, São Francisco, v. 18, nº 6, 2022.

inúmeras formas possíveis na última sala da exposição, dedicada aos objetivos do desenvolvimento sustentável da Agenda 2030.¹⁶

Mas, que ideias o público levaria consigo ao fim da visita? Não se tratava de uma exposição sobre corpo humano e micro-organismos, sobre ambiente e vacinas ou sobre história e Antropoceno, embora todos esses conceitos estivessem presentes. Qual seria o fio condutor que organizaria um emaranhado de conceitos em uma narrativa para a exposição? À medida que o trabalho avançava, muitos fios foram se delineando, não como um novelo, linearmente organizado, tampouco uma costura de retalhos unidos artificialmente; os fios mimetizam a arquitetura de uma teia, uma rede de conceitos ora justapostos, ora afastados, mas sempre conectados e interdependentes. Como nas teias de aranha, a robustez e funcionalidade da estrutura não vêm de cada fio individualmente, mas do arranjo entre eles. E também a perda de alguns fios pode enfraquecer toda a estrutura. De forma análoga ao modelo dos determinantes sociais da saúde,¹⁷ os fios da teia da saúde perpassam diferentes escalas de nosso cotidiano. A partir desse entendimento, revelar as relações – por vezes invisíveis, por vezes invisibilizadas – entre indivíduos, ambiente, sociedade e saúde passou a ser um objetivo central.

Planejamento e execução do projeto

A arquitetura de rede mencionada para a organização de conteúdos pode ser transposta à metodologia de trabalho que se estabeleceu entre as equipes envolvidas. Durante todo o projeto, o trabalho conjunto de profissionais de várias áreas permitiu a análise de cada desafio sob diversos ângulos e o surgimento de estratégias e soluções integradas entre expografia, conteúdo, aspectos educativos e acessibilidade.

Em consonância com a cultura colaborativa adotada pelo MVF e pela Casa de Oswaldo Cruz, o desenvolvimento do projeto da exposição foi participativo. A fase de debates de ideias, concepção da narrativa e do conceito norteador da exposição resulta num documento denominado “Projeto básico”. Esse documento contribui para a avaliação das instâncias de validação e orienta a elaboração do “Projeto executivo”. Este é o documento detalhado que baliza a produção, execução e montagem da exposição,

¹⁶ UNITED NATIONS. *The Sustainable Development Goals Report*. Nova York: United Nations, 2021. Disponível em: <https://unstats.un.org/sdgs/report/2021/The-Sustainable-Development-Goals-Report-2021.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2022.

¹⁷ DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. *Policies and strategies to promote social equity in health*. Estocolmo: Institute for Future Studies, 1991.

contendo informações como plantas, maquetes tridimensionais, desenhos técnicos e especificações de equipamentos e materiais que compõem a expografia.

Longe de resultar em uma exposição sem falhas, esperamos que o relato dessas experiências, com seus erros e acertos, possa contribuir para projetos futuros ou em andamento.

Uma exposição para todos

A conciliação das preocupações com a preservação do prédio – asseguradas pelo DPH ao longo do processo – e a implementação das normas de acessibilidade especificadas pela ABNT NBR 9050 foi um grande desafio ao projeto expográfico.

Tendo em vista o acolhimento de públicos diversos, o projeto contou com uma consultoria especializada em acessibilidade e contemplou vários recursos e adaptações para propiciar uma experiência agradável a todas as pessoas. Dentre eles, destacamos: uso de rampas, corrimãos e guarda-corpos interligando salas; corredores com largura mínima de 90 cm e áreas de giro com ao menos 150 cm de espaço livre; peças gráficas e telas respeitando os ângulos de alcance visual; mesas, bancadas e interativos com altura máxima entre 80 e 100 cm e projetadas para permitir a aproximação frontal de pessoas em cadeiras de rodas (figura 2), além de bancos para descanso dos visitantes em diversos pontos da exposição. Embora o pé direito do prédio ultrapasse 7 metros, a altura máxima dos painéis modulares não excede 2,5 metros.



Figura 2. Teste para avaliação da experiência do visitante em cadeira de rodas durante o uso dos interativos de um módulo. Crédito: Rogério Fernandes.

A fim de proporcionar acesso ao conteúdo para pessoas com deficiência, cada módulo possui um totem que reúne recursos de acessibilidade, como: mapa tátil, texto em braille, botão para audiodescrição – que pode ser escutada com o uso de um fone de ouvido preso ao mobiliário – e um *tablet* com videolibras. Tais totens (figura 3) abrigam ainda cadernos com o texto da exposição em língua inglesa e espanhola e pranchas de comunicação.

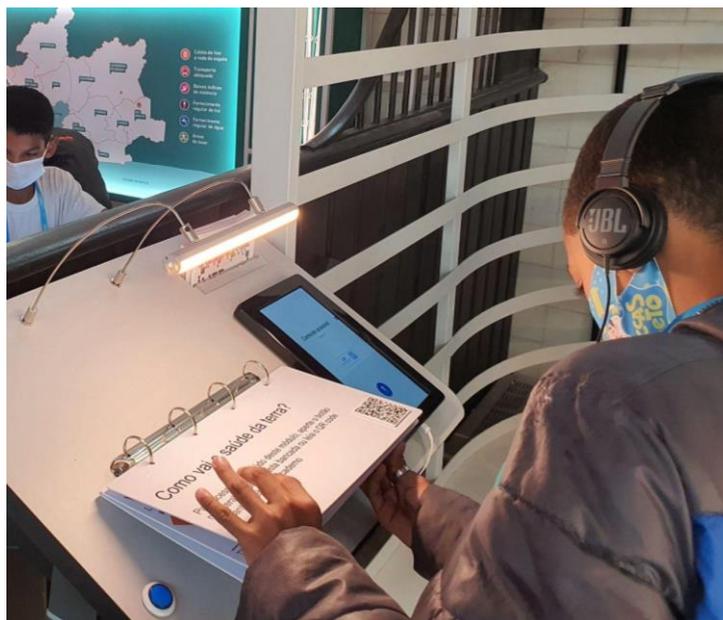


Figura 3. Totem de acessibilidade presente em todos os módulos. Crédito: Rogério Fernandes.

Sempre que possível, recursos táteis foram empregados na produção de modelos e esculturas, de modo a torná-los acessíveis a todas as pessoas. Tais recursos também foram empregados na fabricação de peças em relevo que, embora direcionadas ao público com deficiência visual, mostraram-se atraentes também para o público vidente.

Aspectos expográficos de *Vida e saúde: relações (in)visíveis*

Como mencionado anteriormente, a arquitetura do prédio, tombado pelo Iphan, foi um fator determinante para o desenvolvimento do projeto expográfico da mostra (figura 4). Após um minucioso processo de restauro representado em um vídeo disponível na própria exposição,¹⁸ era necessário evidenciar as características da edificação.

¹⁸ *Restauração da cavalaria da Fiocruz* – versão curta. Direção: Cristiana Grumbach. Coordenação: Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/COC). (3:36 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWLUy9Hi964>. Acesso em: 15 Set. 2022.

Refletindo sobre os materiais aplicados à memória coletiva e à História, o historiador Jacques Le Goff ressalta que estes não são “o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”.¹⁹ Optar por um projeto expográfico que integra a edificação que o abriga, de forma que esta sirva mais do que como um simples cenário, permite que o prédio assuma o papel de testemunho do passado, perpetuando a recordação e funcionando como legado à memória coletiva.



Figura 4. Fotografia da sala originalmente utilizada como enfermaria de cavalos. O desenho da vitrine deixa propositalmente à mostra os bicos de gás originais da edificação, de modo a integrá-los à expografia. Crédito: Rogério Fernandes.

Após um longo período de desenvolvimento de estudos para a construção do projeto expográfico, quando mais de uma solução foi apresentada ao grupo de trabalho, optou-se pela proposta com mobiliários e aparatos expositivos projetados de modo a interferir minimamente na tipologia do edifício, permitindo a observação de seus detalhes. Tal solução difere da expografia adotada na *Biodescoberta*, que utilizou soprepisos e painéis

¹⁹ LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

que recobriam as baias, salvo por “janelas” construídas para permitir a observação desses elementos.

No salão central da Cavalaria, na qual se encontra a maior parte da exposição, foram instaladas estruturas modulares autoportantes, pensadas para ocupar os espaços entre as baias. Essa estrutura é formada por nichos quadrados de aproximadamente 30 centímetros de lado, iluminados por *backlights* e usados como suporte para textos, imagens e objetos. Alguns nichos maiores são dedicados ao texto principal; outros são vazados, dando leveza à estrutura como um todo e permitindo a visualização dos azulejos que revestem as paredes ao fundo da baía. Foi necessária a incorporação de pés reguláveis que permitem a sustentação da estrutura sobre o piso centenário, construído com pequenos aclives e declives para facilitar o escoamento da água utilizada na limpeza dos animais e das baias. Essas estruturas podem ser vista nas figuras 5 e 6.

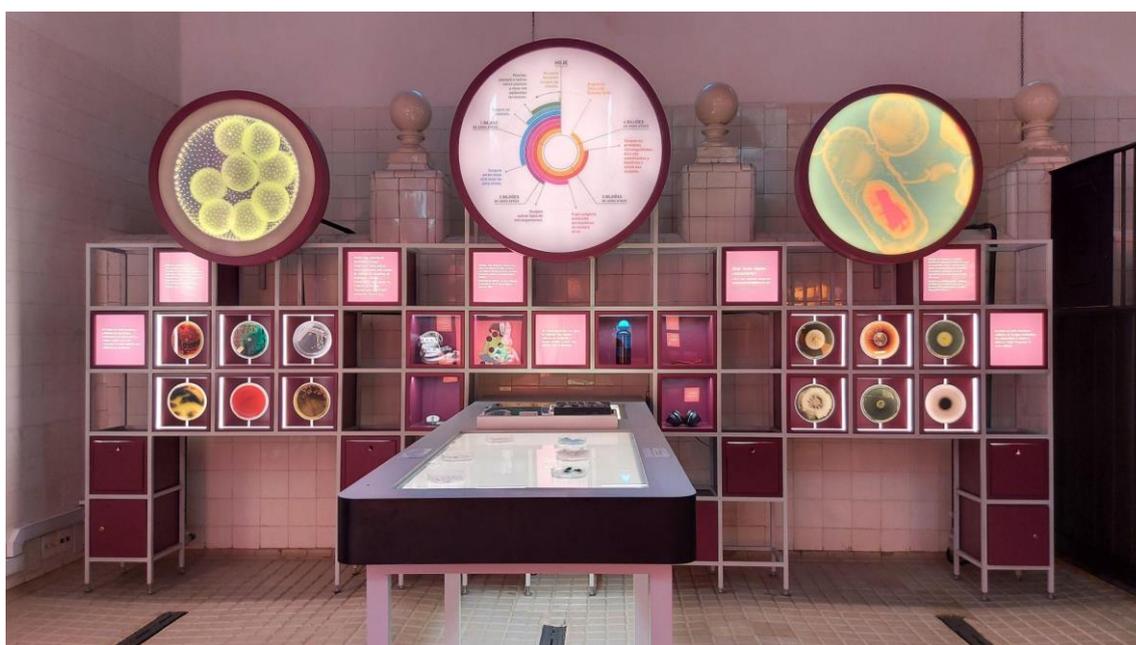


Figura 5. Modelo de estrutura modular autoportante utilizada como suporte para o conteúdo em todos os módulos da exposição. O painel é preenchido por áreas com impressão de textos ou imagens, vitrines e gavetas, além de nichos com a cor específica do módulo. Crédito: Rogério Fernandes.



Figura 6. Vista do salão central da Cavalaria com a disposição de alguns dos módulos da exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis*. Crédito: Rogério Fernandes.

A fim de destacar conceitos principais e organizar informações acessórias, o mobiliário é pensado de modo a expor o conteúdo em camadas, permitindo que o público decida até onde deseja interagir com ele. Isto é, painéis de texto, vitrines e interativos estão sempre visíveis, enquanto algumas informações secundárias são reveladas à medida que o visitante explora gavetas e escaninhos.

Uso de recursos tecnológicos

A exposição conta com diversos recursos digitais interativos, como telas de toque, projeções, *videowall*, *tablets*, sensores de proximidade e aparelhos de áudio, o que confere vantagens e desvantagens. Por um lado, é possível navegar por aparatos interativos, utilizar recursos de tecnologia assistiva e atualizar os conteúdos quando necessário. O uso de projeção e som conferem maior caracterização ao espaço e maior preenchimento do mesmo pela expografia. Por outro, é preciso considerar a longevidade dos equipamentos (como a bateria dos *tablets*) e o suporte técnico disponível a seus componentes e aos *softwares* desenvolvidos para a exposição (alguns contam com um sistema integrado que pode ser gerenciado *online*).

Alguns interativos, como o jogo digital *#AgenteVacina*, estão ligados a telas grandes que possuem considerável poder de atração sobre os visitantes. Para evitar retenção no fluxo de pessoas pelo espaço de visitação, a solução encontrada foi o uso de

duas telas “espelhadas” que permitem que a partida seja observada por um grande número de pessoas, compartilhando a experiência (figura 7).



Figura 7. Visitantes sendo orientados a iniciar o jogo #AgenteVacina. Crédito: Rogério Fernandes.

Após a inauguração da exposição, é possível apontar aprendizados decorrentes da implementação dos recursos digitais mencionados anteriormente: foram observadas algumas dificuldades com a luminosidade do ambiente em momentos específicos do ano. Além disso, notou-se que os visitantes tendem a perceber todas as telas como sensíveis ao toque; assim, identificou-se a necessidade de comunicar de forma mais clara, pela expografia, que tipo de interação o visitante deve estabelecer com cada equipamento.

O desenvolvimento do projeto gráfico

A fim de evidenciar a diversidade de assuntos tratados na exposição, a equipe optou pelo uso de dez diferentes cores para compor o projeto gráfico de cada um dos módulos. Entendeu-se que, embora as temáticas da exposição sejam articuladas, uma vez que, juntas, apresentam um conceito amplo de saúde, cada espaço delimitado pelas antigas baias é autossuficiente em termos de conteúdo, como se fossem miniexposições. As cores

são ainda uma referência utilizada pelos visitantes para se localizar durante a visita e para, no futuro, organizar suas reminiscências sobre ela.

Usando o círculo cromático como referência, a equipe associou os tons de roxo, rosa, vermelho e laranja à dimensão biológica da saúde. Presentes nos corantes empregados em técnicas histológicas, essas cores foram utilizadas na composição gráfica dos painéis que apresentam o micromundo da saúde. Já os tons que transitam entre os azuis e os verdes, chegando ao amarelo – cores observadas nas imagens de satélite da Terra –, foram associados ao macromundo da saúde, pela sua dimensão social e ambiental (figura 8).

Diferenciando-se pelo uso dessas cores, os painéis dos módulos foram diagramados a partir de um mesmo projeto gráfico. A família tipográfica escolhida para os textos e seus diferentes níveis de hierarquia (títulos, textos corridos, legendas e textos de destaque) foi a Din Next Pro, já utilizada anteriormente em outras exposições do MVF. Criada pela Linotype, a Din Next foi redesenhada a partir da original Din 1451, fonte de design alemão lançada em 1931. Sem serifas e adornos, a Din 1451 já se mostrava uma fonte de boa legibilidade, não apresentando problemas técnicos em sua reprodução. Inicialmente utilizada para uso industrial, tornou-se padrão em sinalização de trânsito, placas de rua, de veículos e de números de casas na Alemanha. Dada a sua popularização mundo afora, passou a ser usada em peças gráficas de naturezas variadas, o que demandou a criação de pesos adicionais. Expandida pela Linotype, a Din Next tornou-se uma família de sete pesos.

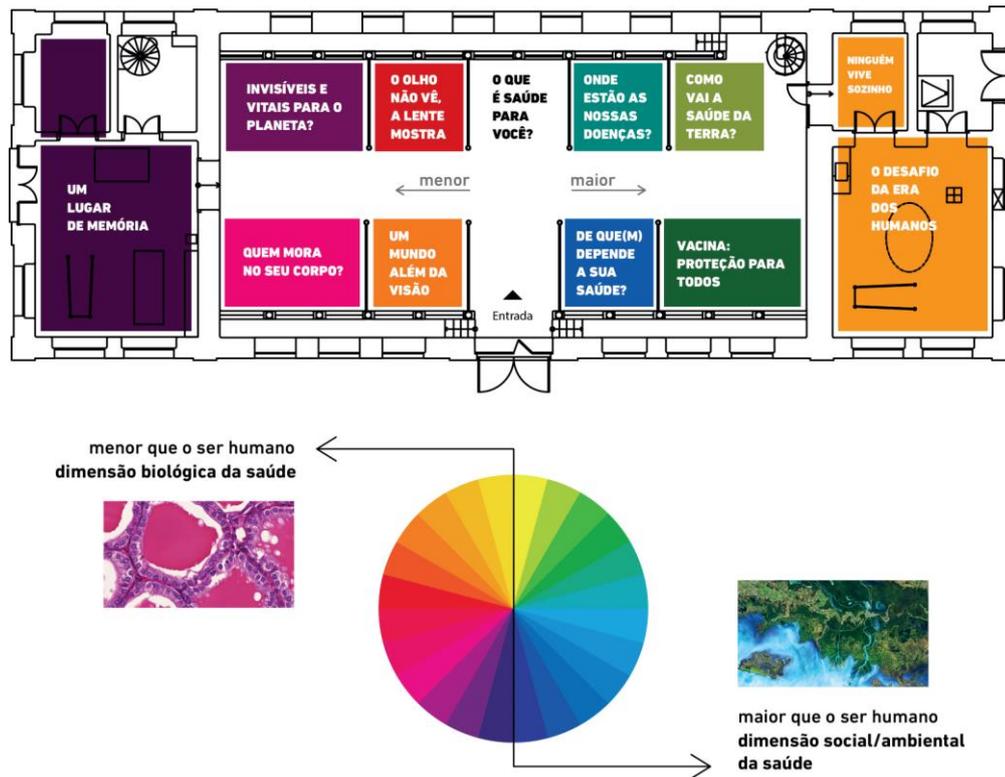


Figura 8. Esquema cromático de identificação das seções da exposição. Crédito: Ana Dias.

Aspectos educativos

Os aspectos educativos da presente exposição apoiam-se sobre a política educacional do MVF²⁰ e as experiências de exposições anteriores, como a *Biodescoberta*.²¹ Entretanto, as duas décadas que separam a inauguração das duas exposições trouxeram transformações na sociedade. A presença de animais vivos, considerada um grande atrativo em 1999, é considerada polêmica em 2022, além de limitada por questões legais. Por outro lado, o uso de microscópios, culturas de microorganismos e outros elementos relacionados à investigação científica ainda desperta grande interesse do público. Considerando as visitas de grupos superiores a trinta pessoas, muito frequentes no MVF, a exposição privilegia atividades que possam ser realizadas por várias pessoas simultaneamente, promovendo a interação entre elas.

Os últimos anos também trouxeram avanços para a educação museal no país, destacando-se a aprovação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), em 2017,

²⁰ FIOCRUZ. *Política educacional do Museu da Vida*. Rio de Janeiro: Fiocruz-COC, 2021. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Politica-Educacional-MV.pdf. Acesso em: 15 Set. 2022.

²¹ GRUZMAN, Carla; TEIXEIRA, Luiz Antonio da Silva. “Espaço biodescoberta: uma exposição interativa em biologia”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, nº 2, Jul./Out. 1999.

e o Caderno da PNEM,²² publicado no ano seguinte. Sua construção participativa gerou um retrato da educação museal no Brasil e propôs diretrizes e princípios para atuação de profissionais de museus.²³ Essa publicação amplia a definição de educação museal proposta por Desvallées e Mairesse “como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante”,²⁴ acrescentando que:

mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la.²⁵

Ainda em consonância com as práticas da PNEM, consideramos que as ações educativas são fundamentalmente baseadas no diálogo entre o museu e seus públicos e que o “foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita”.²⁶ Neste ponto, é fundamental mencionar a atuação e a formação dispensada aos bolsistas e mediadores profissionais que acompanham as visitas agendadas.

A perspectiva educacional é ainda influenciada pela museologia social (ou sociomuseologia),²⁷ assumindo explicitamente compromissos com os mais vulneráveis socialmente ao promover debates sobre as iniquidades sociais e suas consequências para a saúde da população.

²² INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília: Ibram, 2018.

²³ CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. “História das políticas públicas de educação museal no Brasil”. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 52, p. 84-94, 2020.

²⁴ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (org.). *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

²⁵ INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, op. cit.

²⁶ Ibidem.

²⁷ CHAGAS, Mário de Souza; PRIMO, Judith; ASSUNÇÃO, Paula; STORINO, Claudia. “A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos”. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 55, nº 11, p. 73-102, Jun. 2018. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6364>. Acesso em: 18 Nov. 2018.

O uso de textos

As visitas centradas na experiência do visitante requerem pelo menos algum conhecimento sobre seu perfil. Estudos elaborados pelo MVF²⁸ indicam que a maior parte dos visitantes é composta por grupos escolares entre sete e dezoito anos de idade, um público com menor escolaridade do que aquele encontrado por Adriana Almeida em museus da cidade de São Paulo em 2004.²⁹

Uma cuidadosa consulta à Base Nacional dos Conteúdo Curriculares (BNCC)³⁰ nos permitiu inferir quais objetos do conhecimento já seriam, em tese, conhecidos dos estudantes de cada segmento da educação básica. Consideramos ainda os resultados expressos no relatório *Indicador de alfabetismo funcional*,³¹ um estudo sobre os níveis de analfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos. Em sua mais recente edição, o relatório INAF 2018 revela que apenas 13% que estão cursando ou já concluíram o ensino médio têm nível proficiente de letramento; se considerarmos os anos finais do ensino fundamental, tal porcentagem cai para 4%.

Em busca de aproximar a exposição de seus públicos, os textos foram escritos segundo os pressupostos da “linguagem clara” (do inglês *Plain Language*), estilo de escrita que prioriza a compreensão da mensagem. É, portanto, um estilo centrado no leitor, considerando, por exemplo, seu nível de letramento, contexto cultural e conhecimentos prévios sobre o tema do texto.³² A “linguagem clara” também auxilia a hierarquizar e selecionar as informações apresentadas, evitando excessos que possam cansar o leitor antes que ele atinja a ideia principal.

Porém, o que é excessivo para alguns visitantes pode ser adequado para grupos específicos, ávidos por conhecer mais. Na tentativa de conciliar os interesses de diferentes públicos, as informações foram divididas em diferentes níveis de complexidade. Em cada módulo, um texto curto, objetivo e em posição de destaque, apresenta conceitos-chave imprescindíveis ao entendimento da mensagem principal. Informações acessórias, como detalhamentos, explicações e exemplos, ocupam gavetas, escaninhos, interativos digitais

²⁸ MANO, S. M. F. et al. (org). *O público do Museu da Vida (1999 a 2013)*. Rio de Janeiro: Fiocruz-COC, 2021.

²⁹ ALMEIDA, A. M. “Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 12, nº 1, p. 269-306, 2004.

³⁰ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

³¹ AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; IBOPE INTELIGÊNCIA. *Indicador de alfabetismo funcional: INAF Brasil 2011, principais resultados*. São Paulo, 2012.

³² FISCHER, Heloisa. *Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania*. Rio de Janeiro: Com Clareza, 2018.

e vitrines que o visitante acessa segundo seu próprio desejo e interesse. Embora estejam sempre relacionadas ao tema do módulo, as informações acessórias são autocontidas e completas em si mesmas, independentes das demais, e podem ser lidas em qualquer número ou sequência. A ausência de linearidade das informações entre e dentro dos módulos, evitando a apresentação começo-meio-fim, permite que o visitante escolha o que ler e o quanto se aprofundar em cada assunto, em sintonia com o conceito de liberdade de escolha.³³

Mesmo a melhor forma de apresentação das informações é insuficiente quando o conteúdo é hermético. Em sua análise sobre textos em exposições, Martha Marandino comenta que os textos em museus de ciência “nunca são exatamente iguais aos textos científicos ou aos textos de divulgação e esse fato deve-se principalmente ao suporte onde é apresentado e à forma de integração que o visitante/leitor estabelece com ele”.³⁴ Como discutido na literatura da divulgação científica, os textos desse campo não são uma tradução de textos científicos, mas incorporam formulações e reformulações nas quais alguns conceitos são propositalmente suprimidos, inseridos ou destacados. No caso específico da exposição em questão, a equipe optou, sempre que possível, por utilizar exemplos do cotidiano, aporuguesar nomes científicos e substituir jargões consagrados em saúde por perguntas instigantes. Dessa forma, os conceitos de “georreferenciamento em saúde” e “determinantes sociais e ambientais da saúde” foram substituídos, respectivamente, por: “Onde estão as nossas doenças?” e “De que(m) depende a sua saúde?” (figura 8). A diversidade étnico-racial, etária e de gênero da população brasileira, incluindo pessoas com deficiência, é representada em fotografias, ilustrações, vídeos e na criação de personagens.

Considerações finais

A exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis* permite uma reflexão sobre a responsabilidade e o poder dos museus. A responsabilidade está relacionada ao papel social dos museus, pois, ao defender a complexidade e amplitude do conceito de saúde, bem como ao buscar aproximar o saber e o fazer científico do saber popular, se coloca frontalmente como veículo de enfrentamento ao negacionismo, promovendo espaços legítimos de diálogo e debates. Já o poder está vinculado a uma perspectiva de um museu

³³ FALK, J. H.; DIERKING, L. D. *The museum experience revisited*. Oxford: Routledge, 2012.

³⁴ MARANDINO, M. “A biologia nos museus de ciências: a questão dos textos em bioexposições”. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 8, nº 2, p. 187-202, 2002.

que, por meio das suas exposições, promove a educação emancipatória, a diversidade cultural, a preservação da memória e do patrimônio, e a inovação cultural e tecnológica. O tema das relações invisíveis da saúde nos propicia explicitar esse *soft power* dos museus.

Na exposição, o invisível não está apenas naquilo que é muito pequeno ou está muito distante para ser visto, mas em processos dos quais tomamos parte – e que por vezes passam despercebidos – tanto do mundo natural, como no socialmente construído. As iniquidades na produção da saúde, tão evidentes durante a pandemia de covid-19, criam um círculo vicioso no qual quem é mais afetado também é quem tem menos poder para mudar a situação. O conceito de “invisível” em saúde depende de nossa própria percepção. Esperamos que *Vida e saúde: relações (in)visíveis* amplie as percepções do público sobre saúde, ambiente e sociedade.

Agradecimentos

A exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis* foi realizada com apoio do Banco Nacional do Desenvolvimento Social (BNDES). Agradecemos a todos que participaram do desenvolvimento desse projeto. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.